

CORREIO ECONÔMICO



'Sangria' arrecadatória anual deve superar os R\$ 51 bi

Arrecadação federal perde R\$ 51 bi com isenção de IR

Uma perda de arrecadação anual de, ao menos, US\$ 51 bilhões, a partir de 2026. É o que calcula o Unafisco Nacional (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil), a respeito dos efeitos imediatos da isenção do IRPF (Imposto de Renda de Pessoa Física) para quem ganha até R\$ 5 mil, o que beneficiaria cerca de 9,6 milhões de contribuintes,

elevando o universo isento para 26 milhões. Ponto 'água na fervura' da reação negativa do mercado, o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, se apressou a sinalizar que serão tomadas 'medidas compensatórias', como a adoção de uma alíquota mínima de até 10% para quem auferir ganho mensal superior a R\$ 50 mil ou R\$ 600 mil por ano.

'Voo de galinha'

Um voo de galinha. Foi o que protagonizou a bolsa brasileira no início de 2024, quando exibiu patamares recorde entre 140 mil e 145 mil pontos, o que não impediu que esta amargasse uma queda acumulada de 10% no ano, em sessões marcadas pela baixa liquidez.

Deterioração

As perspectivas de recuperação da bolsa se tornaram mais difíceis, face à deterioração das expectativas, mesmo após a aprovação do pacote fiscal pelo Congresso, por conta da insatisfação do mercado com as 'desidratação' das medidas de contenção de gastos federais.

Reprodução site economista.net



Posição favorável de Trump 'turbina' alta de criptomoeda

Bitcoin reage e volta a 'encostar' nos US\$ 100 mil

O bitcoin operava em alta nesta terça-feira (24), após perder força nos últimos dias, em um 'Turbinado' pela volta triunfal de seu maior patrocinador à presidência ianque, o republicano Donald Trump, o bitcoin voltou a 'encostar' no em US\$ 100 mil (cerca de R\$ 600 mil), também como reflexo do efeito 'Santa Rally, valorização

súbita de Natal, na tradução livre. Cresce a expectativa do mercado cripto em torno do cumprimento da promessa, do então candidato Trump, de criação de uma 'reserva estratégica' de bitcoin. Embora ainda esteja pouco abaixo da marca de US\$ 100 mil, analistas já projetam uma meta de US\$ 150 mil.

Sob pressão

Para a analista de mercado de criptografia do bitbank, Yuya Hasegawa, "embora a possível mudança de política do Fed mais cautelosa deve exercer pressão sobre o bitcoin, as altas taxas de juros vão manter pressão sobre os pagamentos da dívida do governo".

'Tombo'

O segundo melhor novembro da história, o crédito imobiliário somou R\$ 14,91 bilhões no mês passado, alta anual de 26,4%, mas um 'tombo' de 17,4% para outubro deste ano, informou a Abecip (Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança).

Sustentabilidade

Sobre a 'sustentabilidade' da dívida do governo dos EUA, Yuya Hasegawa observa que os mercados vão observar isso em 2025. "Quando isso acontecer, e se houver uma reserva estratégica nos EUA, um ouro digital como o bitcoin poderá ganhar destaque novamente".

'Coroa perdida'

Com a baixa de 38% (R\$ 3,959 bilhões) no financiamento imobiliário, na passagem de outubro para novembro, a Caixa, além de perder a liderança de mercado para o Itaú Unibanco (R\$ 5,162 bilhões), ainda ficou próxima do 3º colocado, o Bradesco (R\$ 3,607 bilhões).

Brasil detém a maior carga tributária da América Latina

Indicador nacional, de 33% do PIB, é bem superior ao de seus pares

Reprodução site cdn.teletime

Por Marcello Sigwalt

Estudo divulgado, no início deste ano, por diversos órgãos multilaterais, aponta o Brasil como o campeão do ranking da carga tributária, entre 26 economias da América Latina, ao correspondente a 33% do PIB (Produto Interno Bruto), deixando para trás, a vice Barbados (30,5%) e a ainda recessiva Argentina (29,6%), com base em tópicos, como tributos sobre renda, lucro, propriedade, bens e serviços, folha de pagamento e aqueles referentes à seguridade social.

De acordo com o trabalho, realizado em 2022, o patamar tupiniquim é bem superior ao da média da região (21,5%), cujos países apresentam renda em nível semelhante, mas com maiores restrições, no que se refere à oferta de serviços públicos. Ao mesmo tempo, a carga tributária nacional se aproxima muito da média dos membros da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), de 34%, com a diferença de que tais países exi-



Patamar da carga tributária 'abocanha' três meses de trabalho do brasileiro

bem uma renda mais elevada e serviços de melhor qualidade.

Na raiz desse crescimento exponencial 'verde-amarelo', admitem especialistas, está a tributação da renda e do lucro, em contraste com os impostos sobre propriedade e consumo, que teriam apresentado estabilidade, nas últimas três décadas.

Já pela análise da IFI (Ins-

tituição Fiscal Independente), órgão do Senado, a explicação central para a elevada carga tributária brasileira vem do tamanho de seus gastos sociais, que respondem por 60% dela, ao passo que esta oscila entre 50% e 70%, para os países da OCDE.

Avançando nesse debate, o IBPT (Instituto Brasileiro de

Planejamento e Tributação) prefere questionar a qualidade dessa despesa, uma vez que o Brasil possui o menor IDH (índice de desenvolvimento humano) entre os 30 países com maior carga tributária, ocupando a última colocação no que diz respeito ao índice de retorno de bem-estar à sociedade calculado pela instituição.

Confiança industrial atinge 99,6 pontos

Após recuar em setembro, outubro e novembro, o Índice de Confiança da Indústria (ICI) subiu 1,0 ponto na passagem de novembro para dezembro e encerrou o ano com 99,6 pontos, informou nesta quinta-feira, 26, a Fundação Getulio Vargas (FGV). Com o resultado, o índice acumulou queda de 0,3 ponto na média móvel trimestral, o terceiro recuo consecutivo nesta métrica.

Enquanto o Índice de Situa-

ção Atual (ISA) – que mede o sentimento dos empresários sobre o momento presente do setor industrial – caiu 1,0 ponto, para 100,7 pontos, o Índice de Expectativas (IE) – indicador da percepção sobre os próximos meses – avançou 3,1 pontos, a 98,5 pontos.

"Os indicadores sobre a situação atual, incluindo o Nuci, apresentam piora disseminada e sugerem um ritmo mais fraco do setor no encerramento do

ano. Por outro lado, as expectativas estão melhores, porém concentradas nos segmentos relacionados às categorias de bens de consumo", comenta, em nota o economista do Ibre/FGV Stéfano Pacini, ao acrescentar que, em relação ao cenário macroeconômico, o ciclo de alta da taxa de juros, visando segurar pressões de custos, tende a conter a atividade econômica, que "desafia" o setor em 2025.

Em dezembro, houve alta da

confiança em 9 dos 19 segmentos industriais pesquisados, de acordo com a FGV. Já o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) caiu 0,5 ponto porcentual em dezembro, para 81,1%, o menor nível desde fevereiro de 2024 (80,8%).

O Índice de Situação Atual (ISA), que mede o sentimento dos empresários sobre o momento presente do setor industrial, caiu 1,0 ponto, para 100,7 pontos. (M.S.)

Gestão federal petista favorece dólar

Por Marcello Sigwalt

Na contramão do que prega o mandatário convalescente da queda doméstica provocada pelo mesmo (que atribui a culpa ao mercado financeiro), o brasileiro aponta o desacerto das decisões econômicas do Planalto e o descontrole fiscal como causas maiores para a disparada recente do dólar, ainda não totalmente 'debelada', a despeito dos sucessivos de leilões cambiais operados pelo Banco Central (BC), que já 'queimaram' US\$ 30,76 bilhões das reservas internacionais do país, o correspondente a 8,49% do estoque total (US\$ 362,225 bilhões).

A posição realista do contribuinte está patenteada em pesquisa da consultoria de negócios Timelens, com base em citações feitas nas redes sociais, e em buscas nas plataformas digitais nos últimos 30 dias, per-



Reprodução site Seu Dinheiro

Decisões econômicas equivocadas 'premiaram' avanço do dólar

fazendo 54.873 comentários no YouTube e no X.

No detalhe, mais de um terço dos consultados considera que as decisões econômicas do governo foram o fator determinante a alta da moeda ianque (37,2%), sobretudo, após a reação negativa do mercado às

propostas do pacote fiscal, que incluem a isenção do Imposto de Renda (IR) para quem recebe até R\$ 5 mil.

Logo em seguida, 26,42% do universo pesquisado aponta o aumento de gastos, sem contrapartidas claras – justamente a maior preocupação do mer-

cado – como causa secundária para o avanço do dólar. Na 3ª posição, com 18,19% das preferências, aparecem as especulações no mercado financeiro.

Numa quarta colocação, para 14,16% do público pesquisado, a 'decolagem' do padrão monetário dos EUA resulta da disseminação de notícias falsas ("fake news"), em especial, aquelas direcionadas ao futuro presidente do BC, Gabriel Galipolo.

Nas últimas posições, estão a atuação do Congresso Nacional (1,81%); a taxa básica de juros, Selic (0,99%); fatores internacionais (0,49%); as notícias sobre o estado de saúde de Lula (0,41%).

Para o diretor de dados e Analytics na Timelens, Renato Dolci, "os dados mostram que os brasileiros ainda não chegaram a um consenso sobre quem é o verdadeiro culpado pela alta do dólar".

Real 'fraco' causa debandada 'gringa'

A desvalorização do real diante dos temores fiscais no Brasil e o fortalecimento do dólar com a volta de Donald Trump à Casa Branca desencadearam uma saída em bloco de investimentos do Brasil com destino aos Estados Unidos, e esse movimento pode ter vindo para ficar. Na corretora americana Avenue, que tem o Itaú Unibanco como sócio, o volume cresceu ao menos 20% em dezembro na

comparação com novembro, quando tradicionalmente é um mês fraco por conta do período de festas.

"Quando a percepção de risco Brasil passou a ficar mais latente para o investidor brasileiro, houve um movimento em massa de recursos para fora. A gente já passou novembro e, provavelmente, vamos fazer um volume 20% a 25% maior em dezembro", diz o fundador e CEO da Avenue, Roberto

Lee, em entrevista exclusiva ao Broadcast.

Sem abrir o número exato, ele afirma que há uma mudança no perfil do investidor que está mandando mais recursos para o exterior, com uma maior presença de um público mais conservador. Historicamente, toda vez que o dólar sobe, os investidores tendem a pensar que 'perderam o bonde', diz.

Para os mais conservadores, porém, a motivação é oposta.

Eles seguem o movimento conhecido como 'flight to quality', ou voo para a qualidade, no jargão de mercado, em busca de opções seguras. "Quando o dólar sobe, esse público conservador é o contrário. Ele se move só nos momentos de insegurança, à medida que sente mais risco, ele se move", explica Lee.

Dos recursos que estão indo para os EUA, mais de 80% serão investidos em títulos superconservadores.